

# LEONARDO, 17 ANOS, QUATRO REPETÊNCIAS

*Quando concluir o segundo grau, aos 21, ele se juntará aos 3,7 milhões de alunos que terminam o ensino médio com mais de 18*

Humberto Rezende  
Especial para o Correio

Ontem, pela manhã, Leonardo Sousa, 17 anos, foi buscar o resultado das provas finais na Escola Classe 07, da Ceilândia, onde estuda. Passou em todas as matérias e ano que vem vai para a 7ª série. Se tudo acontecer como planeja, terminará o segundo grau daqui a cinco anos, aos 21. Tentará, então, fazer a faculdade de Direito. “Pelo dinheiro”, explica a escolha, sentado no sofá da sala da modesta casa de três quartos onde mora com o pai, a madrasta e três meios-irmãos, na Ceilândia.

O estudante ilustra o outro lado de uma das mais importantes conquistas realizadas pelo Brasil na área de educação este ano. O fato de 96,5% das crianças em idade escolar no país estarem matriculadas na escola mereceu elogios no relatório *Situação Mundial da Infância*, divulgado ontem pelo Fundo da Nações Unidas para a Infância (Unicef). Mas um dado, também presente no documento, chama a atenção para uma realidade cruel. Apesar de matricular suas crianças nas séries iniciais, o Brasil as mantém por muito tempo na escola, com altos índices de repetência. Leonardo engorda tais estatísticas. Está entre os 46,7% dos alunos do ensino fundamental que não estão na série equivalente à sua faixa etária. Quando concluir o 2º grau, se juntará aos 3,7 milhões de alunos que terminam o ensino médio com mais de 18 anos.

A primeira vez que foi reprovado estava na 2ª série, com nove anos. Deixou a escola por causa de uma febre reumática que o fez ficar internado três meses no hospital. Naquela época morava com a mãe, que trabalhava o dia todo, e dois irmãos em Samambaia. Ao voltar à escola no ano seguinte, não conseguiu acompanhar a turma e foi reprovado novamente. Repetiu mais tarde a 5ª e a 6ª séries. “Mas aí foi por desinteresse mesmo. Só pensava em ficar à toa, vendo televisão. Minha mãe me chamava de vagabundo”, recorda.

Ele também já morou em Santa Maria, onde a mãe vive hoje com os dois irmãos. Mudou de cidade três vezes e de escola, oito. Já trabalhou em uma vidraçaria e como faxineiro

em uma loja de videogames. “Trabalhava lá só para poder jogar de graça”, lembra. Recentemente recusou o serviço de servente de obra. Teria que trabalhar o dia inteiro. “Não quero largar a escola. E seria muita ralação e pouca grana”, explica.

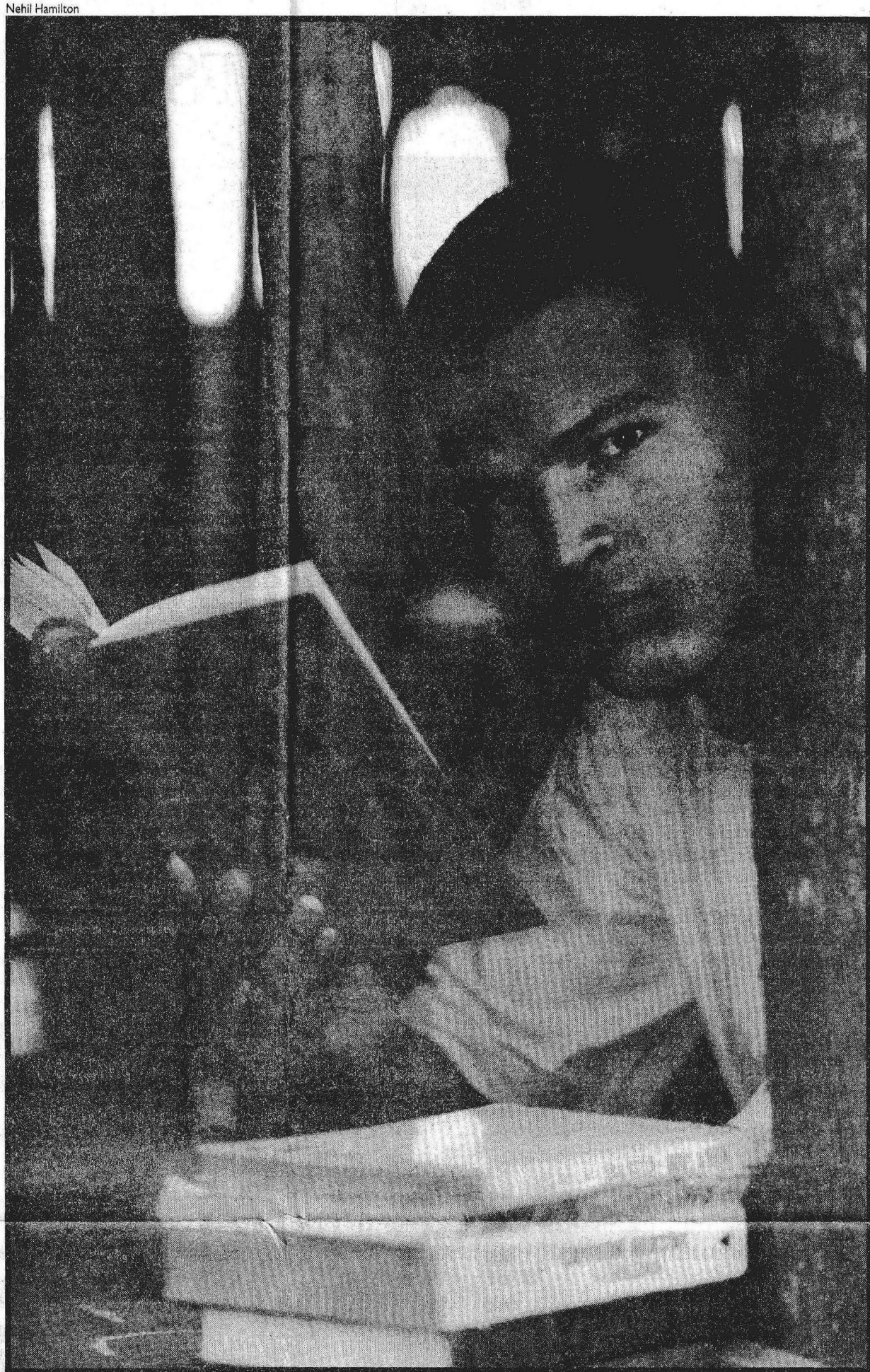
Quem o convidou para o trabalho foi um ex-colega de escola, que largou os estudos para trabalhar depois que a namorada engravidou. “No começo do ano, minha turma tinha perto de 40 alunos. Hoje só tem 28. Muitos arranjaram emprego e algumas meninas engravidaram”, conta. “Desistir da escola é a coisa mais fácil. Se você sai, tem um grupo de apoio. Seja entre os amigos nas ruas ou nos empregos que você arranja.”

A assistente de ensino fundamental da Fundação Educacional Aricélia Nascimento confirma que repetência e evasão escolar são atualmente os grandes desafios no Distrito Federal. “Aqui, o fato de os alunos mudarem muito de cidade e de escola, a necessidade de muitos trabalharem e a desestruturação das famílias são algumas das principais causas do problema. A dificuldade de acesso à cultura prejudica muito também”, atesta.

Na casa onde Leonardo mora não há tevê a cabo. Cinema e teatro são alternativas de lazer caras. Sua principal diversão é “beber cerveja e ler”. Embaixo da mesinha de telefone, uma pilha de livros mostra o hábito da leitura, que passou a ter por influência do irmão mais velho, Wendel, 19 anos, aluno de História da Universidade de Brasília.

Vêem-se ali obras de Guimarães Rosa, Milan Kundera e o pequeno dicionário Aurélio, que o ajuda a ampliar o vocabulário, que gosta de exibir: “Os livros são meu alicerce. Hoje a literatura é um hábito preferido”, diz, emendando uma crítica à programação de tevê. “Ela banaliza o indivíduo”, avalia.

O hábito da leitura surgiu junto com uma mudança de atitude na escola, festejada pela madrasta, Vicença Sousa, 56 anos: “Graças a Deus tomou jeito”, comemora. “Cansei de ser chamado de vagabundo. Vi que o caminho do estudo é mais longo, mas vale a pena. Quem desiste de estudar não vê o amanhã. Eu já fui assim e me arrependo”, explica Leonardo.



## O OUTRO LADO

*O Brasil matricula 96,5% das crianças em idade escolar. Mas Leonardo, 17 anos, da Escola Classe 07, da Ceilândia, está entre os 46,7% dos alunos do ensino fundamental que não estão na série equivalente à sua faixa etária*